

# A política do romance nacional

Vladimir Safatle

*Folha de S.Paulo*, 28.dez.2018

Literatura de emergência foi importante em momentos de sombra

Pode parecer inicialmente estranho e contraintuitivo. Mas até essa estranheza tem sua razão de ser. Digamos que esta é uma das mais fortes cenas políticas de "Grande Sertão: Veredas", o romance de Guimarães Rosa que marcou em definitivo a história da literatura brasileira.

Ela está lá em um momento no qual Riobaldo narra um desses "lugares não onde" que aparecem em vários momentos da escrita de Rosa, lugares que parecem que devem ser evitados, mas, no fundo, puxam os personagens para uma confrontação que é, ao mesmo tempo, travessia.

O lugar se chama Paredão: "É um arraial. Hoje ninguém mora mais. As casas vazias. Tem até sobrado. Deu capim no telhado da igreja, a gente escuta a qualquer entrar o borbôlo rasgado dos morcegos. Bicho que guarda muitos frios no corpo. Boi vem do campo, se esfrega naquelas paredes. Deitam. Malham. De noitinha, os morcegos pegam a recobrir os bois com lencinhos pretos. Rendas pretas defunteiras [...] Mesmo, o espaço é tão calado, que ali passa o sussurro de meia-noite às nove horas [...] Aquele arraial tem um arruado só: é a rua da guerra... O demônio na rua, no meio do redemoinho... O senhor não me pergunte nada. Coisas dessas não se perguntam bem".

Um arraial de ninguém, de casas vazias e de formas em decomposição, como um brejo fermentando. Bois que se esfregam em paredes que são recobertos por morcegos que tecem rendas pretas defunteiras e que calam o espaço.

Em um ensaio hoje clássico, Bento Prado Júnior falava desses momentos de desfibramento em Guimarães Rosa, nos quais "a estrutura se desfaz e todas as formas passam umas pelas outras numa promiscuidade insuportável", em que "as coisas (vivas) agarram-se umas nas outras e o contacto é marca definitiva".

Essa zona de promiscuidade insuportável que suspende a possibilidade de determinação da linguagem, criando um silêncio que leva o espaço a ver passar a meia-noite em hora errada, é um dos fantasmas principais a assombrar a vida nacional.

Pois se trata do fantasma da decomposição, da ausência de desenvolvimento, dos arraiais que voltam para sua condição desértica, mas de forma soberana e desafiadora.

Como se o verdadeiro destino fosse realizar tal violência de retorno a algo que não é exatamente uma origem, mas um "abismo de virtualidade", como falou uma vez Antonio Candido.

"O senhor não me pergunte nada. Coisas dessas não se perguntam bem." Há uma literatura que é feita exatamente dessas coisas que não se perguntam bem, dessas suspensões da linguagem endereçada e dirigida — linguagem que é um elemento a lembrar a impossibilidade da comunicação e das traduções.

Para um país que se construiu por meio das comunicações extorquidas, dos pactos que levam todos a assumir a mesma língua, a incomunicabilidade ou a irredutibilidade da aura de indeterminação que envolve as palavras é uma decisão política maior.

Mas é sabido de todos que tais fundamentos pantanosos aparecem em Guimarães Rosa para serem atravessados.

E aí poderíamos nos perguntar o que significa exatamente "atravessar", o quanto o ato de atravessar só é possível à condição de integrar o caminho atravessado como caminho nenhum. Essas travessias são sempre demolições, composições que integram de vez a força do que decompõem.

Para um país que sempre entendeu sua própria existência como imitação bem feita, como instauração geográfica a partir do zero ou, ainda, como ajuste antropofágico dos aparentemente inconciliáveis, esse modo de travessia que conserva a virtualidade sempre aberta da indeterminação é uma forma de vida indescritível.

A literatura nacional nunca foi apenas o horizonte fundamental da crítica de nossa sociedade, da exposição de suas contradições e paralisias.

Em seus maiores momentos, ela foi a reflexão sobre a emergência de formas que nossa vida social nega de maneira amedrontada e compulsiva.

Ela foi uma literatura de emergência importante em momentos de sombra.